

ENFERMAGEM NO UNIMB, PARTILHA E CONHECIMENTO: UMA ANÁLISE DO RENDIMENTO ACADÊMICO DOS DISCENTES ORIUNDOS DO MEIO RURAL POLO BATURITÉ- CEARÁ

¹Marcos Antônio da Silva, ²Maria Aurineide de Lima Raulino, ³Carla Virgínia Raulino Marques, ⁴Fabiola Rodrigues Ferreira ⁵Brena Shellem Bessa Oliveira ⁶Francisco Gleyson Lima Queiroz ⁷Joilson Pedrosa de Sousa ⁸Karine Castro Bezerra

RESUMO

Nos últimos três anos, o curso de enfermagem do UNIMB passou por significativas transformações, refletindo a globalização e a revolução tecnológica. A implantação da UNIMB em Baturité trouxe avanços educacionais e socioeconômicos à região, especialmente com a criação da Faculdade do Maciço de Baturité (FMB). Este estudo analisa o rendimento acadêmico dos alunos de duas das cinco turmas de enfermagem, focando na primeira turma que completou três anos de curso. A pesquisa envolveu 20 alunos e utilizou questionários semiestruturados para entender suas condições acadêmicas e os desafios enfrentados, como barreiras geográficas e dificuldades socioeconômicas. A pesquisa descritiva e qualitativa realizada entre fevereiro e maio de 2024 revelou que o UNIMB tem sido crucial para proporcionar acesso ao ensino superior de qualidade, especialmente para estudantes de baixa renda e oriundos de escolas públicas. A influência da educação superior tem sido notória, diminuindo distâncias e promovendo proximidade entre as comunidades da região. Este estudo visa contribuir para a compreensão da representatividade do UNIMB na vida desses estudantes e das políticas públicas que influenciam suas trajetórias acadêmicas.

Palavras-chave: Globalização. Rendimento acadêmico. Inclusão social.

ABSTRACT

Over the last three years, UNIMB's nursing course has undergone significant transformations, reflecting globalisation and the technological revolution. The establishment of UNIMB in Baturité has brought educational and socio-economic advances to the region, especially with the creation of the Faculdade do Maciço de Baturité (Faculty of the Baturité Massif - FMB). This study analyses the academic performance of students from two of the five nursing classes, focusing on the first class that completed three years of the course. The research involved 20 students and used semi-structured questionnaires to understand their academic conditions and the challenges they faced, such as geographical barriers and socio-economic difficulties. The descriptive and qualitative research carried out between February and May 2024 revealed that UNIMB has been crucial in providing access to quality higher education, especially for students from low-income and public school backgrounds. The influence of higher education has been remarkable, reducing distances and bringing communities in the region closer together. This study aims to contribute to understanding the representativeness of UNIMB in the lives of these students and the public policies that influence their academic trajectories.

Keywords: Globalisation. Academic performance. Social inclusion.

INTRODUÇÃO

Observando o processo histórico de construção do curso de enfermagem do UNIMB nos últimos três anos, verificamos o surgimento de fusões e transformações em muitos aspectos da vida acadêmica. É o conhecimento, resultante de um processo histórico milenar de conquistas e dominações, que se reflete na construção de novos caminhos e desafios para o sistema educacional brasileiro e para o processo de formação e oportunidade a todas as camadas da sociedade.

Essas transformações advindas da globalização estão se refletindo em todos os setores, inclusive no meio educacional e acadêmico, mais precisamente na de educação superior em Baturité e região do maciço com a chegada do curso de enfermagem do UNIMB. Um exemplo é a histórica conquista de criação e implementação da FMB na região do Maciço de Baturité, hoje UNIMB.

Entendemos, assim, no contexto moderno, que a revolução tecnológica e inteligência artificial vem nos obrigando a nos reinventar constantemente. A substituição dos meios de dominação e, posteriormente, de produção deram origem a desconhecidas formas de relações sociais e econômicas que, com as respectivas atualizações, regem as relações socioeconômicas e político-profissionais do mundo da educação e de suas formas de desenvolvimento em Baturité.

Dentre a parte da educação que interessa a este estudo está o rendimento acadêmico dos discentes do curso de enfermagem do UNIMB, no curso de graduação de Enfermagem. Para que não ficasse demasiadamente abrangente, optou-se por fazer um recorte, realizando uma análise de apenas duas turmas das cinco existentes do curso, que, como afirmamos, seria o de Enfermagem. A turma escolhida foram as primeiras turmas, por já ter completado três anos de curso.

Foi relevante, durante a pesquisa de campo, de avaliar, além do rendimento dos estudantes do meio rural, as especificidades do nascimento de um curso da área da saúde em nossa IES. Isso nos forneceu uma verdadeira avalanche de trocas de informações entre as diversas classes sociais, cidades e regiões, possibilitando a interconectividade do maciço de

Baturité com nossa IES que subsidiou os parâmetros de uma das primeiras pesquisas sobre o nosso curso.

Nos últimos três anos, a região voltou seu olhar ao município de Baturité, contribuindo para o crescimento da cidade em vários setores, entre eles o imobiliário e de serviços, além do educacional. Isso contribui para o desenvolvimento socioeconômico da cidade.

Essa abordagem traz em sua fundamentação teórica todo o processo de implantação do curso e suas especificidades administrativas e pedagógicas. Neste estudo, realizamos um registro dos melhores momentos desses três primeiros anos do curso de enfermagem do UNIMB. A chegada dos estudantes do meio rural das mais diversas cidades do maciço, em sua maioria de baixa renda e oriundo das escolas públicas do maciço, marcam essa trajetória histórica.

Ainda na fundamentação foi dado destaque às dificuldades de no processo de aprendizagem os desafios de deslocamento em meio as barreiras geográficas. Procuramos, aqui, avaliar o perfil dos alunos do meio rural para entender seu rendimento, dando ênfase aos seus aspectos mais relevantes, bem como os caminhos e as relações sociais desenvolvidas no contexto contemporâneo da educação até a chegada na universidade.

Analisamos o cotidiano acadêmico e tentamos a partir disso descrever aspectos rotineiros que contribuem para os desafios e conquistas desse novo. Tivemos, a partir dessa perspectiva, a oportunidade de realizar um passeio pelos caminhos e trilhas do curso de enfermagem no UNIMB desde sua criação.

Portanto, o caminho que guiou esta pesquisa foi, pois, analisar como se apresenta o rendimento dos alunos do meio rural do curso de enfermagem dentro de um centro universitário que vem dando oportunidades a centena de alunos das mais diversas faces do capital chegar ao ensino superior de qualidade e acessibilidade financeira. Esperamos que nossa pesquisa contribua para o entendimento da representatividade do UNIMB na vida desses discentes que de alguma forma sonham com dias melhores.

MÉTODO

O presente estudo é descritivo e de abordagem qualitativa. Foi realizado a partir de pesquisa bibliográfica e de campo com 20 alunos do curso de Enfermagem do UNIMB. A partir desse eixo de análise, buscou-se identificar em que condições acadêmicas se encontram esses

estudantes, a partir de seus depoimentos colhidos por questionário semiestruturado, tendo como foco o cenário acadêmico em vivência. A coleta de dados ocorreu durante os meses fevereiro a maio de 2024, no campus presencial de Baturité no período noturno.

Analizamos as representações que se constroem sobre a sua condição social, tentando perceber como as dificuldades sociais e falta de preparação deles vem interferindo no melhor aproveitamento desses estudantes. Tentamos identificar qual o sentido da formação acadêmica para esses estudantes e o papel da referida universidade e das políticas públicas sociais locais, norteando as expectativas em relação ao futuro deles.

A pesquisa baseou-se no método dialético de abordagem do real, ultrapassando a fenomenologia dos objetos e saindo do aparente para buscar todos os nexos causais que influem sobre o objeto estudado. Dentro do universo das cinco turmas, difundiu-se como amostragem apenas a primeira turma com 40 alunos, obedecendo a critérios preestabelecidos, a saber: as com notas mais baixas e com maiores índices de reprovação e ou ausência nas aulas.

RESULTADOS

UNIMB: cotidiano, realidade e suas tecnologias

Tem sido notória, dentro do contexto social da sociedade moderna, a influência da educação superior nos espaços educacionais e no dia a dia de muitas famílias e comunidades, urbanas ou não. As barreiras se entrelaçam, diminuindo a distância e aumentando a proximidade entre as cidades do maciço de Baturité. Ao percorrer os corredores do UNIMB no primeiro dia da pesquisa de campo, tive a oportunidade de entender as especificidades de uma universidade desenvolvimento e crescimento acadêmico em Baturité. O aluno A.M. assim se expressa:

Não é uma perspectiva qualquer, obviamente, mas uma perspectiva de percepção. Com o UNIMB, essas distâncias tornam-se ínfimas. Isso porque agora não é mais possível apenas ter "acesso" a informações de lugares distantes do meio rural. É possível também vivê-las (informação verbal).

O aluno, dentro de uma perspectiva real, mostrou em suas colocações o contexto grandioso do UNIMB nos cenários regional e local. Ele nos faz perceber que a região vem se tornando um só a partir das proximidades educacionais. Essa característica do espaço em que se age e interage é inovadora e diferencial. É possível conviver com alunos que apresentam

características sociais e educacionais diferentes. A distância entre os distritos rurais é pulverizada pela facilidade da educação ofertada aos discentes do UNIMB.

No cenário regional, é possível interagir com alunos que residem a dezenas de quilômetros da sede de suas cidades. No UNIMB, não há distância entre eles que não sejam vencidas pela vontade de vencer seus limites e desafios. É notória a preocupação que tudo isso nos causa. É fácil observar que nossa noção de espaço vai sendo drasticamente modificada. Em poucos anos não se tratará mais de uma aldeia de integração local, mas sim de uma comunidade acadêmica global.

A educação dos discentes do meio rural vive uma de suas maiores e desafiadoras questões: a falta de compreensão por parte de quem vive esse processo. Essa dificuldade de interação entre os alunos do meio rural com os do meio urbano pode custar caro se não tivermos a preocupação de trabalhar a integração. É necessária a existência de uma legislação que possa nos trazer segurança em relação ao convívio entre os alunos de todas classes e regiões. Como podemos receber tantos estudantes do meio rural se grande parte dos mestres podem não ter se preparado para isso?

A grandeza do UNIMB e o fascínio dos alunos do Maciço de Baturité e até mesmo do estado pela cultura, produtos e serviços dos países ofertados em nossa IES que aqui chegaram tornaram-se, nos últimos três anos do curso de enfermagem, um desafio para os que vivem essa realidade. A semestre chegam alunos das mais diversas localidades rurais da região com muita sede de conhecimentos continente que trazem em suas mochilas a difícil tarefa de eliminar as diferenças sociais, políticas e ideológicas existentes em todas as regiões do maciço.

Da "Guerra Fria" aos dias de hoje, muitas foram as ideias dos cientistas sociais para o aperfeiçoamento e proximidade das cidades e regiões. Os discursos de líderes mundiais sobre educação e união entre as regiões parece um sonho que se tornou realidade, diante da proposta de ensino do UNIMB. Mas estamos preparados para esse novo?

As dificuldades de aprendizado dos discentes no polo presencial de Baturité: um olhar participativo

Durante o desenrolar da pesquisa, tivemos a certeza de que finalmente o mundo estava mudando, pois nascia a ideia de que todos nós somos um só. Pela primeira vez os destaques eram outros. Estavam ali jovens de escolas públicas e do meio rural, muitos marcados

historicamente como filhos das injustiças educacionais que ainda se fazem presente em nosso estado e país. Passamos a acreditar na possibilidade do cotidiano que descrevemos e que certamente marca a história da região e das próximas gerações das próximas turmas do curso de enfermagem do UNIMB.

Esta pesquisa nos permitiu mergulhar na fórmula molecular da oportunidade e da igualdade. Tenho apenas a certeza: os dias dedicados à pesquisa me trouxeram o registro mais elementar que todo PESQUISADOR deve levar desse rito de passagem chamado vida acadêmica: tudo passa impiedosamente, como um verdadeiro ritual de passagem.

O rito de passagem e as próprias marcas apontam a importância do movimento da sociedade, de um eterno "continuum". Na qualidade de passagem, sugerem que há diferentes estados, momentos, etapas a serem cumpridas, conquistas a serem alcançadas. Fase e ritual são efêmeros, transitórios, passageiros. Sua duração não é tão importante como os efeitos que se produzem ao longo do tempo; as marcas deixadas devem ser duradouras, indelévels. As feridas, como leis escritas na própria pele, mergulham o corpo num campo político (FOUCAULT, 1977a, p. 28).

Assim é e serão os dias e horas desses discentes que chegam de várias partes da região rural do maciço de Baturité. Considero tudo isso um espetáculo do conhecimento em nossa pesquisa, pois traz em seu cerne a oportunidade de viver a aventura do pensamento, o rito, os medos, as dúvidas e os momentos de curiosidades que vivemos em cada esquina de um centro universitário.

Passamos a acreditar que a cor não torna alguns homens melhores que outros, e que ter aversão a uma delas é destruir qualquer possibilidade de integração. Não podemos escolher a cor da pele, pois só existe uma raça, a humana, o resto são arranjos genéticos que não interessam à pesquisa. Essa seleção, que não foi natural ou genética, fez surgir várias expressões: fome, miséria, violência urbana, favelas, padrão de vida, classe média, baixa e alta, público e privado, importado e nacional e a mais rústica atitude humana: a escravidão e o preconceito.

Foram milhares de anos e gerações tentando explicar tudo isso, e o que geramos foi a morte de milhões de humanos que não tiveram tempo para entender os motivos pelos quais lutaram e morreram, como índios, negros e judeus. Criamos padrões para cada grupo social. Marcas que definem um povo, uma cultura, uma nação e um continente. Sistemas e paradigmas que estudamos na academia procurando encontrar os ricos no subúrbio e os pobres na aristocracia, pessoas que fizeram história. Isso é possível?

Todavia, ainda estamos aqui. E vamos começar afirmando que o mundo finalmente entendeu que os pretos, pobres oriundos da zona rural também são os responsáveis pelo desenvolvimento da humanidade. Não somente o desenvolvimento tecnológico, mas humano, pois encontramos neles formas diferenciadas de ver o mundo. Eles conseguem ver além, por terem vivido em situações de exclusão e esquecimento no meio rural durante muitos anos de suas vidas.

Quando somos excluídos procuramos nos reinventar e reaprender a viver. Isso nos leva a fazer e ser a diferença. Percebemos, na pesquisa de campo, que os alunos do UNIMB nascem dentro desse cenário. A pesquisa vem preencher e reafirmar a existência desse povo. Vivemos anos imaginando que jamais chegaria esse dia; o dia em que poderíamos estar e não provavelmente estar na universidade, mesmo com tantas dificuldades de deslocamentos desses discentes em meio ao inverno pesado ou seca.

Muitas foram as histórias relatadas em seus discursos e que já fazem parte dos arquivos do UNIMB E DO CURSO DE ENFERMAGEM, deixados pelos viajantes, a respeito de cada momento compartilhado com a IES NESSES ULTIMOS TRES ANOS. Quem se integrou a esse centro universitário poderia ter uma certeza: estaria saindo de cena a elite universitária e entrando no palco os destituídos de poder, mas idealizadores da "última ordem". Nosso campus representa o rompimento com o modelo tradicional e histórico das universidades, pois traz em seu cerne a pureza de muitos sonhos que deixaram, no momento da aula inaugural do curso de enfermagem do UNIMB, de ser apenas sonho e entrar para a vida que passamos a descortinar

Você já parou para pensar se todos tivessem o mesmo nível de oportunidades e pudessem se apossar do conhecimento do UNIMB? Certamente não teríamos pessoas vendendo drogas e passando fome, pois o conhecimento é o alimento da alma, e gera trabalho. Não teríamos favelas, pois saberíamos cuidar de nossos lares. Não perderíamos espaço, pois a estrada seria curta para os nossos pés e para todo o conhecimento que estamos a adquirir no UNIMB.

Muitos não sonhavam ou não viam significado na vida. Eu poderia, nesta pesquisa, estar, nesse momento, escrevendo sobre a prisão de alguns deles. Mas registro aqui que a saída para o crime e a alienação ainda é a educação de qualidade que vem sendo fornecida pelo curso de enfermagem do UNIMB e demais cursos.

DISCUSSÃO

Inicialmente, passamos a observar a rotina da turma 01 de enfermagem do UNIMB para compreender seu cotidiano. Nas primeiras abordagens de campo, tivemos que explicar o significado e importância da pesquisa. Relatou M.A.R

O primeiro semestre para nós do meio rural da região foi repleto de muitos encontros, palestras visitas, e conversas, mas também de muitos desafios e incertezas (informação verbal). (M.A.R)

O UNIMB passou a preencher o vazio da vida de muitos jovens e de suas famílias. Mas as dificuldades caminham lado a lado com o sonho.

Eles relataram que

[...] os primeiros meses foram intensos, mas nada o suficiente para nos colocar diante das soluções dos grandes desafios que ficam depois dos muros do centro universitário (informação verbal). (R.F.)

Muitos dos assuntos ensinados são esquecidos em meio ao tempo, enquanto outros considerados indispensáveis, ponto chave, são abordados de forma clara e precisa (informação verbal). (A.T.E.)

Se passarmos cinco anos vendo teorias que não irão nos permitir mudar os sistemas de saúde e vida lá fora, então certamente passaremos anos perdidos em meio a esse vendaval de misérias.

Se não saímos preparados para sermos o que pretendemos ser, e aprender o que todos aprenderam ao longo da existência da humanidade não seremos suficientes ao mundo lá fora (informação verbal). (A.R.)

Decorar textos, ler histórias e teorias que dizem muito pouco o que podemos fazer para mudar a miséria de nossa existência na saúde pública, e vivermos fora do nosso mundo ou ignorarmos nossa existência acadêmica pode sair muito caro depois para cada discente: isso pode explicar as notas baixas de alguns e a falta de compreensão do que estão a viver de outros.

Os participantes da pesquisa afirmaram:

Não é suficiente decoramos conceitos e esquecemos as pessoas e as milhares de mortes que nos faz perceber os tantos pontos que necessitamos estudar que não estão nos livros e ainda não são prioridades para a academia. Isso deve ser mudando com urgência em todas as universidades do mundo, pois somos mais que teorias e práticas. (informação verbal). (ESTUDANTES UNIMB)

Durante a pesquisa, não conseguimos ver tranquilidade em alguns em meio às descobertas do cuidar em enfermagem, pois muitos se angustiavam o tempo todo, se acham incapazes e sempre escuto nos corredores da universidade as frases feitas: "Vou trancar [...] Não vou passar [...] Não consigo decorar e aprender nada[...]".

No primeiro dia de entrevista, juntamos um grupo de cinco alunos do meio rural, isso foi suficiente para entendermos algumas angústias vivenciadas. Falamos da pesquisa e o que precisávamos saber deles. No primeiro momento, perguntei ao aluno E.R.F o que ele entendia por CONHECIMENTO. Ele não conseguiu entender minha indagação inicial. Reformulei a pergunta, então, e ele respondeu: “Conhecimento é viver uma vida que não é totalmente sua [...] é nascer de novo em uma nova família com outros conceitos, atitudes e comportamentos [...] (informação verbal).” (F.U.S.).

Aquela primeira resposta me fez perceber que estava certo em pensar que ensinar é viver outras vidas. Porém, quando questionamos as notas baixas, ele logo afirmou que na maioria das vezes tem dificuldades em entender o que os professores explicam.

Lembro ainda que a aprendizagem da leitura e da escrita atribui nova identidade aos estudantes. Além disso, em relação à vida escolar em nossa sociedade, importa recordar as etapas de fim de colégio e entrada na universidade, os trotes aos calouros, todos os exemplos de etapas que se atribui a cada um de nós novas identidades e novos papéis a serem desempenhados junto ao grupo com o qual convivemos.

O aluno A. S, em sua primeira resposta nos fez perceber que o papel do conhecimento de um aluno do meio rural cria e modifica comportamentos e atitudes, e que viver e estudar em outros municípios e espaços seria ter a oportunidade de criar rituais diferenciados. E esses rituais afetam no rendimento de alguma forma. Quando fiz o mesmo questionamento entre os demais alunos, a aluna F. F. S. responde: “Todos deveriam viver o processo de integração, assim poderia ser possível entender comportamentos e atitudes diversas do nosso cotidiano de todo o mundo (informação verbal). (F.F.S.)”

Sim, concordamos com a aluna, pois se isso fosse possível entenderíamos as tribos e sua cultura, respeitaríamos os rituais quilombolas e o candomblé.

Na continuidade das falas, o aluno A. R., de Guaramiranga, assim se expressou:

Estou tendo a oportunidade de viajar no tempo e aprender a respeitar as diferenças [...], mas ainda falta muito para isso acontecer. Somos diferentes

dos urbanos até mesmo na forma de falar em muitos pontos, mas fico feliz em saber que em outros somos muitos parecidos (informação verbal). (A.R.).

No dia seguinte, procurei, no grupo de entrevistados, misturar discentes do meio urbano e rural. Nesse momento me deparei com uma situação lamentável. De um lado da mesa estavam os do meio urbano e do outro os do meio rural. Achei aquilo estranho. Quando começamos as entrevistas, as respostas dos discentes do meio urbano eram totalmente diferentes das do meio rural em muitos momentos; até pareciam que estavam vivendo em comunidades diferentes.

O rito faz referência a uma ação realizada em determinado tempo e espaço, diferente das ações da vida cotidiana, distinta do comportamento comum. Ainda que a ritualização possa ser vista de uma forma ampla e imprecisa, ao englobar qualquer atividade que possa vir a ser realizada de forma padronizada, formalizada, repetida, os ritos oferecem modos de observação e de reflexão que foram adaptados a descobertas de determinados tipos. Os requintes do ritual não deixam escapar nenhum ser, objeto ou aspecto, a fim de assegurar um lugar no interior de uma classe: à cada coisa sagrada, seu lugar (LÉVI-STRAUSS, 1997, p. 25).

A visão do antropólogo Lévi-Strauss nos leva a pensar que cada indivíduo, independentemente de onde esteja, traz o que lhe é sagrado. O aluno E. N., do curso de Enfermagem do UNIMB, diz:

Ainda não entendo muito sobre os significados do termo conhecimento. Se viver integrado é viver misturado com as pessoas que se sentem melhor que outras por viverem no meio urbano isso deve ser uma nova forma de preconceito e pode levar muitos discentes a terem dificuldades de se relacionar com os outros no UNIMB (informação verbal). (T.N.).

A resposta do aluno nos leva a refletir que o entendimento sobre a CONHECIMENTO E RENDIMENTO é diverso, e a partir disso podemos tecer vários questionamentos. Muitos dos alunos dizem que falta muito para a integração acontecer, pois as tribos humanas caminham separadas no UNIMB, e isso afeta o rendimento e a aprendizagem. De um lado temos os DISCENTES DO MEIO URBANO conversando entre eles; do outro, os DO MEIO RURAL. Se viver próximo é se integrar, então isso acontece no UNIMB. Mas se PARTILHAR conhecimento é dividir momentos, construir experiências, dividir ideias, então a partilha dos mundos (Rural e Urbano) ainda não chegou o UNIMB.

Esse questionamento nos remete ao pensamento de Márcio Goldman, que nos fornece uma interessante análise das teorias antropológicas sobre o ritual. No que toca às abordagens possíveis no estudo dos ritos, Goldman identifica "[...] verdadeiras estruturas elementares do

pensamento antropológico", ou seja, três modelos básicos de análise que cobrem tanto as reflexões sobre a noção de ritual quanto ao processo de integração da pessoa:

O primeiro esquema de origem durkheimiana e estrutural funcionalista, pretende derivar o ritual da 'estrutura social', encarada como sistema concreto de inter-relações pessoais, terminando por atribuir a ele uma função psicológica de reforço de sentimentos comuns. Já o segundo modelo, de inspiração nitidamente malinowskiana e utilizado hoje em dia por autores como Edmund Leach e, especialmente, Victor Turner, inverte esta posição e, ao invés de fazer derivar os sentimentos do ritual, pretende ver neste último uma expressão direta daqueles. Finalmente, no terceiro caso, imagina-se que o comportamento ritual não passa de transposição empírica de certas ideias místicas adotadas pelo grupo (GOLDMAN, 1987, p. 126).

Essas ideias, a meu ver, se misturam nos grupos, criando a possibilidade de novas ações e comportamentos. Acabamos por criar ações que nos distanciam ou aproximam dos grupos. Quando juntei alunos de outras turmas do curso de Enfermagem para conversar sobre a partilha de conhecimento e aplicar os questionários, senti uma dificuldade enorme de relacionar a importância da partilha de conhecimento ao cotidiano e rendimento deles.

Ficou evidenciado que os alunos do meio urbano existentes no curso de Enfermagem do UNIMB não têm qualquer relação de proximidade com a maioria dos DISCENTES DO MEIO RURAL do mesmo curso, e ESTES acabam tendo um rendimento abaixo em relação aos do meio urbano.

Identifiquei, no curso de Enfermagem do UNIMB, um distanciamento maior entre AMBOS. Isso ocorre devido à pouca quantidade de ALUNOS DO MEIO RURAL EM ALGUMAS TURMAS entre os estudantes do referido curso. Assim, 100% dos entrevistados do curso responderem que o processo de RENDIMENTO E APRENDIZADO ainda não aconteceu na prática entre eles. Percebi, nos vários dias que passei no campus do UNIMB desenvolvendo a pesquisa, que existem grupos de DISCENTES URBANOS que nunca realizaram nenhuma atividade com os discentes do meio rural e vice-versa.

Na última semana das entrevistas, percebemos que o desafio do conhecimento e rendimento caminha a passos lentos entre os discentes do meio rural. Perguntei se as atividades de grupos facilitavam a proximidade entre eles. A aluna F. R., de Mulungu assim argumentou: “[...] em três anos de UNIMB NUNCA teria realizado nenhuma atividade com alunos do meio rural. (informação verbal). (E.N.)”

Então passamos a perguntar para todos os alunos do meio rural quais as maiores dificuldades que eles teriam em se relacionar com os do meio urbano. Todos responderam que as várias formas de preconceitos eram uma barreira ainda não superada por muitos.

Assim, percebemos que são muitos os fatores que dificultam o processo de ensino e aprendizagem no UNIMB. Nos últimos dias, resolvi deixar o questionário de lado e ter uma conversa informal com ambos os grupos sobre os seus rendimentos e notas baixas, e pudemos perceber que eles ficavam mais à vontade para falar. Nesse momento, percebemos que o rendimento tem dois lados. De um lado temos o convívio de todas as tribos; de outro, a relação entre as duas partes consigo mesmo, mostrando à nossa pesquisa que o tempo poderá facilitar a proximidade entre os grupos e transformá-los em um só no futuro. E isso poderá levar a um melhor aproveitamento acadêmico de ambos.

Todos os alunos responderam que estudar no UNIMB é ter a oportunidade de ir além, pois vivemos ritmos diferentes e acabamos nos acostumando com a forma de ser de cada CIDADE e/ou REGIÃO OU DISTRITO. Teremos que mudar muitas vezes de caminho para entender a importância da partilha para o rendimento acadêmico para o futuro da humanidade. Durante todas as conversas abertas entre os discentes, percebemos que só poderemos entender os homens se passarmos a viver em uma aldeia global.

Ao conversar com os participantes da pesquisa, muitos foram os argumentos e a difusão de conhecimentos escritos e percebidos nas entrevistas. Passei semanas tentando entender as razões que levaram a humanidade a viver longe de si mesma, pois é assim que vejo a não integração humana entre urbanos e rurais.

A aluna de Baturité C. T. U. apresentou em sua resposta sobre a partilha de conhecimento e rendimento acadêmico o mais completo discurso:

O processo de partilha de conhecimento entre as tribos já deu o seu mais importante passo[...] ela reconheceu todas as possibilidades de unir povos e culturas durante toda a nossa história social (informação verbal). (T.Y.U)

Concordo com a aluna e completo: passamos décadas inteiras criando os blocos econômicos apenas com interesses financeiros e de comércio. Não chegamos ainda no limiar da possibilidade de aldeias humanas. Temos apenas a vontade de sermos um só.

Quando conversei de forma informal com os docentes do UNIMB, percebi visões diferentes sobre O RENDIMENTO DOS ALUNOS DO MEIO RURAL DA UNIMB. Grande parte deles assume a possibilidade da PARTILHA acontecer por completo num futuro bem

próximo. A convivência e a troca de conhecimentos e cultura entre os alunos no UNIMB trazem essa possibilidade. Muitas coisas ainda precisam ser esclarecidas sobre a importância do rendimento e partilha entre os discentes. Uma delas é que sem isso a vida perde espaço.

Temos um caminho grandioso até chegar o momento em que olharemos para trás e não lembraremos da indiferença dos povos e nações para com os indivíduos que são diferentes e desiguais por ocuparem espaços diferentes. Esta pesquisa me fez perceber que estamos longe de acreditar na fiel possibilidade de eliminar as fronteiras, mas vários passos importantes foram dados, e o UNIMB, para nós, tem sido o principal deles.

Todavia, os vários pontos analisados, como os ligados às metodologias de ensino dos docentes e à falta do processo de partilha entre os discentes, nos pareceram ser os mais preocupantes, sendo necessário discuti-los com mais urgência entre todos que fazem o UNIMB.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pretensão em desenvolver este trabalho foi contribuir para a discussão e importância do processo de RENDIMENTO ACADEMICO DOS ALUNOS DO MEIO RURAL EM RELAÇÃO AOS ALUNOS DO MEIO URBANO. Salientamos aqui a possibilidade de serem desenvolvidos trabalhos abordando o objeto de estudo ora mostrado para o florescimento de futuras soluções.

Aprendemos que as discussões acerca da aplicação e partilha do conhecimento, notadamente aquelas relacionadas a subsectores de um aspecto do viver humano na UNIMB, está situado numa zona sutil do conhecimento, o da relação do homem com o meio em que ele vive. Nesta investigação, tivemos a oportunidade de visualizar diálogos, questionamentos e atributos que se multiplicam de várias formas nas falas dos DISCENTES DE AMBOS OS GRUPOS que nos faz pensar que o UNIMB tem contribuído muito para o fortalecimento dos laços entre as tribos de nossa região. E isso certamente irá refletir de forma positiva em suas notas em um futuro próximo. Basta entendermos que nunca deixaremos de ser um só.

O processo de partilha de conhecimento não aconteceu cedo ou tarde, mas no tempo certo, pois estamos a viver a imensa necessidade de sermos os idealizadores desse novo tempo. Esta pesquisa curta, mas significativa, respondeu a vários questionamentos. Estamos apenas no começo de um ciclo de verdades inacabadas e necessárias no UNIMB. O tempo e suas

grandiosas verdades infinitas reconstruirão os elos entre as GRUPOS das mais diversas partes da região do maciço de Baturité.

Percebemos que as coisas simples são as mais difíceis para os homens que se esqueceram de ser simples por injunções apenas da cor da pele e do padrão econômico, social e ou político e de onde vivem. Isso destruiu nações inteiras durante toda nossa história social. Muitos morreram sem saber exatamente o porquê. Nossa dívida com aqueles que lutaram e deram suas vidas em prol da vida de outros tantos nos faz perceber a grandiosidade do processo de partilha de conhecimento ao mundo atual. Sim, esse mesmo mundo que já passa noites inteiras imaginando uma solução para o seu egoísmo destruidor.

Portanto, distância de suas aldeias, falta de preparo por parte dos idealizadores dos grupos de discentes, a não partilha nas atividades acadêmicas, a metodologia de ensino distante do alcance das diferenças postas por alguns discentes, a linguagem e as dificuldades socioeconômicas são os principais motivos do baixo rendimento dos estudantes do meio rural. Temos que rever vários conceitos metodológicos para que esse quadro mude para melhor.

REFERÊNCIAS

BOBBIO; N., MATTENUCCI, N.; PASQUINO, G. Dicionário de Política. Brasília: Universidade de Brasília: [s. n.], 1999. p. 1318.

BOBBIO; N., MATTENUCCI, N.; PASQUINO, G. A Era dos Direitos. 2. ed. Campinas: [s. n.], 1999.

BOFF, L., A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana. 34. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

BOURDIEU, P. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: BOURDIEU, P. O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989.

BRANDÃO, C. R. Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRANT, V. C. (coord.). São Paulo: Trabalhar e Viver. São Paulo: Brasiliense, Comissão de Justiça e Paz, 1989.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Jorge Paz e Terra, 2005. CLAUDE L.S. L'homme nu. Mythologiques. Paris: Plon, 1971. p. 603.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: História da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1986.

FOUCAULT, M. Microfísica do Poder. 6. ed., Graal, Rio de Janeiro: 1986.

FREIRE, P. Ação Cultural como para a Liberdade. 3. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, P. Educação como Prática da Liberdade. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GOLDMAN, M. A Construção ritual da pessoa; a possessão no candomblé. 9.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

KUHN, T. S. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LEMONS, A. Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Port.

MOURA, M. (Org.). Candomblé: desvendando identidades. São Paulo: EMW, 1987, p. 106.

OROZCO, G. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, D. de (Org.). Sociedade Midiatizada. Rio de Janeiro, RJ: Mauad, 2006.

THOMPSON, J. B. A mídia e a modernidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SALA-MOLINS, Luis. Le Code Noir ou le Calvaire de Canaan. Paris: PUF, 1987. Unilab, Arquivos históricos. Redenção, Ceará 2013

ZALUAR, A. A Máquina e a Revolta. As organizações populares e o significado da pobreza. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SOBRE OS AUTORES:

¹ Marcos Antônio da Silva: Doutor E Pós-Doutor Em Saúde Pública (USP), Doutor Em Sociologia, Pós Doutor Em Ciências Médicas, E Medicina Translacional, Mestre Em Saúde Da Criança E Do Adolescente (Uece), Mestre Em Sociobiodiversidade E Tecnologias Sustentáveis (Unilab), Especialista Em Saúde Pública Pela Escola Nacional De Saúde Pública Sergio Arouca (RJ 2008), Especialista Em Gestão Pública E Governamental Pela Unilab (2014), Especialista Em Docência Do Ensino Superior Pela Faculdade Da Aldeia De Carapicuíba (Falc) SP (2014). Especialista em Obstétrica e Neonatologia, Graduado Em Serviço Social Pela Universidade Estadual Do Ceará UECE (2002). Graduado Em Enfermagem Pela Unilab, Graduado Em Pedagogia Pela UVA. Atua E Atuou Como Professor De Vários Cursos De Graduação E Pós-Graduação Em Diversas Faculdades Públicas E Privadas. Foi Gestor De Vários Programas E Projetos De Secretarias Municipais. É Gestor Da STDS (Secretaria Do Trabalho E Desenvolvimento Social) De Baturité E Coordenador E Professor Do Curso De Serviço Social

Da FMB - Faculdade Do Maciço De Baturité. E atualmente coordena o curso de enfermagem da UNIMB E-Mail: Marcosasbte@Hotmail.Com Orcid: 0000-0001-5086-0058

² Maria Aurineide De Lima Raulino, Graduada Em Biologia/Química, Pela Universidade Estadual Do Ceará Faculdade De Educação, Ciências E Letras Do Sertão Central, Graduanda Em Enfermagem, 6º Semestre, Pelo UNIMB

³ Carla Virgínia Raulino Marques: Doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (USP) Mestre em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (USP) Residência em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (USP) Graduação em enfermagem pela Unifametro. Atuou como Gerente de Enfermagem da Unidade Municipal de Pronto Atendimento (UMPA) Coordenadora do setor de Vigilância Epidemiologia do Município de Baturité-CE. Atualmente exerce a função de Enfermeira assistente no Centro de Atenção Especializado (CAE), com atuação em doenças infecciosas e parasitárias. Desempenha ainda papel como docente na FMB (Faculdade Maciço do Baturité).

⁴ Fabiola Rodrigues Ferreira: enfermeira formada pela UFC, com especialização em Saúde da Família -UFC e cursando o mestrado profissional em Saúde da família-UNILAB

⁵Brena Shellem Bessa Oliveira: Graduada em Enfermagem pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) (2017). Durante o período de graduação foi bolsista do Programa de Educação pelo Trabalho para Saúde/Vigilância em Saúde (PET/VS) (2013-2015), da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) (2015-2016), do Programa de Bolsas de Extensão, Arte e Cultura (PIBEAC) vinculado à UNILAB (2016-2017). Especialista em Saúde da Família pela UNILAB em (2019). Mestre em Enfermagem pela UNILAB em 2020. Doutoranda em Enfermagem na Universidade Federal do Ceará (2020). Foi bolsista do Programa de Demanda Social da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (2020-2023). Participante do grupo de pesquisa Processo de Cuidar em Enfermagem na Saúde da Criança e do Adolescente (UNILAB) cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa (CNPq) e do Grupo de Estudos sobre os cuidados de Enfermagem Pediátrica (GECEP) da UFC. Possui conhecimento em

Enfermagem, Vigilância em Saúde e Saúde da Criança. Desenvolve pesquisa, principalmente, na área de promoção à saúde da criança.

⁶Francisco Gleyson Lima Queiroz: Possui graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Católica de Quixadá (2011). Atualmente é psicólogo Perito Examinador do Trânsito e professor da Faculdade do Maciço de Baturité atuando principalmente nos seguintes temas: SUS, Saúde da família, políticas de saúde, sociedade contemporânea e Saúde coletiva.

⁷Joilson Pedrosa de Sousa: Possui graduação em MATEMÁTICA pela Universidade Federal do Ceará (2002). Atuou como superintendente escolar - Secretaria da Educação Básica do Ceará entre 2012 e 2014. Possui Pós-graduação em matemática e física pela Universidade Regional do Cariri-URCA. Atuou como coordenador pedagógico do Ensino médio no Instituto Nossa Senhora Auxiliadora-escola da Rede Salesiana de escolas no período entre os anos de 2009 e 2011. Mestre pelo programa de mestrado em ensino de Ciência e Matemática pela Universidade Federal do Ceará com conclusão em julho de 2015. Atualmente é coordenador escolar da Escola Estadual de Educação Profissional José Ivanilton Nocrato de janeiro de 2015 até os dias atuais.

⁸Karine Castro Bezerra: Possui Graduação (2014), Mestrado (2016) e doutorado (2019) em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará. Pós-doutorado em Ciências Médicas pela Universidade Federal do Ceará (2020-2022). Realizou atividades como bolsista do Programa Ciências Sem Fronteiras (Graduação Sanduíche Universitá La Sapienza-Roma 2012-2013). Integrante do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Promoção da Saúde Sexual e Reprodutiva (NEPPSS), grupo certificado pelo CNPq. Tem experiência na área de Enfermagem, com ênfase em Saúde Pública, atuando principalmente nos seguintes temas: construção e validação de tecnologias, educação em saúde, saúde sexual e reprodutiva, disfunções do assoalho pélvico, gestão em saúde.